

# A pastoral do migrante como dialética

Comentário às intuições do

Pe. Tarcísio Rubin, cs.

The pastoral of the migrant as dialectics  
Commentary on the intuitions of fr. Tarcisio Rubin, CS.

*Sidnei Marco Dornelas\**

Recebido: 02/08/18

Aprovado: 18/08/18

## **Resumo:**

O artigo apresenta as intuições do pe. Tarcísio Rubin, missionários scalabriniano, para a pastoral dos migrantes. O autor apresenta uma reflexão a partir de um dos poucos textos escritos onde Pe. Tarcísio a sua visão sobre a pastoral dos migrantes e que pode ter relevância nos dias atuais.

**Palavras-chaves:** Tarcísio Rubin, migração e missiologia.

## **Abstract**

The article presents the intuitions of fr. Tarcisio Rubin, a Scalabrinian missionary, for the pastoral of migrants. The author presents a reflection from one of the few written texts where Fr. Tarcisio shares his vision on the pastoral of migrants and that may have relevance in the present days.

**Keywords:** fr. Tarcisio Rubin, migration and missiology.

---

\* Sidnei Marco Dornelas é sacerdote e missionário scalabriniano; mestre em ciências sociais pelo Institut Catholique de Paris e em Teologia Pastoral pelo Centro Universitário Assunção. Atualmente colabora com o Departamento de Migraciones da Arquidiocese de Buenos Aires.

## Introdução

A memória do padre Tarcísio Rubin, missionário scalabriniano que atuou na Argentina entre 1974 e 1983, ainda hoje é fonte de inspiração e questionamento entre aqueles que se dedicam ao trabalho pastoral junto aos migrantes. Era conhecido por sua inserção profunda no meio dos migrantes, principalmente os bolivianos que vinham periodicamente trabalhar na região norte de Argentina, bem como por ser um homem de oração e forte espiritualidade. No entanto, deixou muito pouca produção escrita. Neste artigo gostaríamos de fazer alguns comentários a partir de um dos seus poucos textos escritos, em que deixou expresso seu pensamento sobre a pastoral migratória, e que ainda possui um surpreendente sabor de novidade teológica. É um pequeno tesouro para aqueles que desejam construir um pensamento teológico a partir da prática missionária e pastoral junto aos migrantes, hoje e para o futuro.

### 1. Alguns traços da vida do padre Tarcísio Rubin.

O padre Tarcísio Rubin nasceu em Loreggia, na província de Pádua, norte da Itália, em 06 de maio de 1929. Fez o percurso seminarístico na Congregação dos Missionários de São Carlos (scalabrinianos) na Itália, até ser ordenado sacerdote em 21 de março de 1953, em Piacenza. Inicialmente foi destinado ao trabalho missionário junto aos imigrantes italianos na Suíça. Entre 1957 e 1968, o padre Rubin exerceu atividade na animação vocacional e na formação dos missionários scalabrinianos nos seminários da Itália. Já nessa época ficou conhecido por sua vida espiritual e como um grande pregador de retiros. Nesse período, desenvolveu também a tarefa de capelão do Apostolado do Mar, em navios de travessia oceânica. Em 1969, depois de obter um título de mestrado pela Universidade de São Tomás de Aquino, em Roma, se inseriu no trabalho missionário junto aos migrantes na Alemanha, até o ano de 1973.

Em 1974 foi destinado como missionário na Argentina. Essa é a parte de sua vida que nós mais conhecemos de sua intensa atividade missionária. Foi a partir da posição scalabriniana em Mendonza, e em seguidas missões nas províncias de Salta e Jujuy, que o padre Tarcísio Rubin exerceu seu ministério, entre 1974 e 1983, quando veio a falecer na localidade de Alto Calilegua, um povoado de Jujuy, no dia 03 de outubro de 1983.<sup>1</sup> Contam os testemunhos da época que,

---

<sup>1</sup> Todas as informações que utilizamos foram obtidas a partir do opúsculo escrito por padre. Luciano Baggio CS, *Misionero migrante: Pe. Tarcísio Rubin CS*, publicado pelo Centro de Estudios Migratorios Latinoamericanos (CEMLA) em 1985, e reeditado em 2014. As citações de páginas ao longo do texto remetem sempre a essa publicação.

já ao chegar de navio em Buenos Aires em abril de 1974, não trazia nenhuma bagagem, apenas uma batina branca, um crucifixo na cintura e uma pequena bíblia. Com sua barba branca, seus hábitos ascéticos, sua proximidade com os migrantes e longos períodos de oração, foi assim que sua imagem se imprimiu no imaginário dos agentes de pastoral e dos migrantes.

Soube unir em seu apostolado, a oração intensa e a imersão no terreno da missão. Como não tinha veículo nem dirigia, costumava ir aos lugares em que devia ir usando os meios de locomoção dos próprios migrantes, o que incluía longas caminhadas a pé, muitas vezes sob intempérie. Essa vida de peregrino itinerante, procurando ser migrante com os migrantes, ficou expressa em sua metodologia missionária, a partir da qual dava recomendação para a realização das semanas missionárias das quais participavam padres, religiosos, seminaristas e leigos. Tudo estava resumido na busca do contato direto com as famílias e grupos migrantes, e na valorização da amizade: amizade com Deus, com os irmãos e com os pobres (p. 23-24). Quando realizava essas missões, testemunhava cotidianamente seu amor à pobreza e aos pobres, sua simplicidade de vida e sua busca de viver a caridade.

Porém, era na vivência da espiritualidade que ele encontrava a fonte para se sustentar como missionário itinerante no meio dos migrantes. Com sua experiência de formação de futuros padres e orientador espiritual, mostrava a prioridade da oração na vida dos missionários padres, além de demonstrar seu apressamento pelo sacerdócio e sua grande amizade por todos os sacerdotes (p. 13-15). Em seus retiros, dedicava muitos momentos de silêncio para oração pessoal, além de cultivar técnicas que o faziam se assemelhar a um monge oriental (p. 50-54; 60-65). Colocava a meditação sobre a Palavra de Deus, a vida de Jesus, como centro na vida de todo missionário disposto a caminhar junto aos migrantes.

Além do Beato João Batista Scalabrini, fundador da Congregação dos Missionários de São Carlos, os santos que mais o inspiravam eram aqueles que demonstravam um grande amor pelo Cristo pobre e próximo aos pobres, como São Francisco de Assis e São Vicente de Paulo. No entanto, é inegável a influência de Charles de Foucauld em seu estilo de vida, sua espiritualidade, e como inspiração para sua vida missionária junto aos migrantes. Num pequeno texto, em que exprime seus desejos por ocasião de seu Jubileu de prata sacerdotal, também expõe aquilo que seria talvez o seu melhor autorretrato:

Agora que sou menos jovem, entendo menos e não me arrependo. Apenas vivendo na obscuridade da fé o mistério de Cristo sacerdote que morre e ressuscita em meu ser, o problema se faz mistério de salvação. As pessoas que mais felizes me fazem, são: Deus, minha mãe,

meus irmãos sacerdotes, Cristo que vive nos pobres, nos imigrantes, nos amigos. As ações que, mais gosto no espírito, são: a oração a sós, a sobriedade na vida e a peregrinação ao caminhar. As orações que, mais repito dia e noite, são: ‘Senhor, tem piedade de mim, pecador, Senhor, faça de mim um instrumento de tua paz e, Senhor, eu caminho e tu chegarás’. Os desejos que manifesto aos meus Superiores são: passar um tempo em Europa com meus irmãos, três meses no silêncio de um eremitério, três meses de oração em um Monastério, fazer uma peregrinação ao túmulo de Charles de Foucauld em Tamanrasset (Sahara), o espelho de minha vida missionária (p. 9).<sup>2</sup>

## 2. Pistas para uma missiologia da Pastoral dos Migrantes.

Entre os poucos escritos deixados pelo padre Tarcísio Rubin há um pequeno texto em que apresenta um conjunto de pensamentos sobre como percebia a Pastoral Migratória. Ele o redigiu, pouco tempo antes de sua morte, após muita insistência do padre Luciano Baggio, seu coirmão de Congregação. Esse texto, mais do que um estudo sistemático e urdido teoricamente, é um *florilégio* de pensamentos, como o padre Baggio se refere a ele. É uma exposição livre de suas intuições e inquietações quanto à missão da Igreja entre os migrantes. Além de espelhar a visão *teologal* de sua vida apostólica. Como foi escrito sem grandes pretensões, colocou em seu verso uma irônica recomendação: era para ser lido antes de dormir, *para pegar no sono*.

Lendo esse texto, reconhecemos sua sensibilidade para com os migrantes, assim como seus questionamentos sobre a condição da Igreja e da Pastoral em relação a eles. Ao perceber sua atualidade, junto com padre. Baggio, podemos dizer que é o seu *testamento*. Nesse sentido, é uma contribuição que pode nos ajudar a identificar várias pistas uteis para orientar uma reflexão mais amadurecida sobre a missão da Pastoral dos Migrantes. São sementes espalhadas há muitos anos, que podem ainda germinar e dar muitos frutos. Por isso, a partir da leitura desse texto gostaríamos de tecer alguns comentários.

### a) A condição social do migrante: sinal de contradição.

O padre Rubin inicia seu texto apontando para a atualidade do fenômeno migratório, para o seu caráter massivo, e seu desdobramento em vários níveis: social, religioso, cristão. Logo em seguida, mostra sua visão sobre a condição de vida dos migrantes:

<sup>2</sup> As traduções em português dos textos do padre Tarcísio Rubin foram feitas por mim, a partir do livreto escrito pelo padre Baggio.

A nota principal do migrante é sentir-se “estranho” no estilo comum de vida, experimentando a psicologia do estrangeiro marginalizado na sociedade civil e religiosa. Também aqueles que vivem na pátria entre grandes grupos de emigrados, em seus costumes e estilo de vida. (p. 66)

O fato de conhecer de perto como o migrante experimenta interiormente a sua condição de vida dá sentido a esse olhar do padre Rubin, que não exerceu apenas uma tarefa de escuta, mas também compartilhou seus sentimentos, nos locais em que viviam, em que trabalhavam, se deslocavam, e em seus momentos de vida familiar ou de lazer. Nesse contato, percebeu a relação de *estranhamento* que viviam frente à sociedade nacional, dos cidadãos já estabelecidos. Essa é a *nota* que os acompanha em todos os momentos de seu cotidiano. Em outras palavras, na sua instabilidade permanente, vivendo como um *deslocado* frente ao *estilo* comum de vida, os migrantes vivem a marginalidade não só como um lugar social, mas também interiorizada como sua condição de vida.

Talvez por ter essa sensibilidade aguçada, o padre Rubin, missionário entre os migrantes temporários bolivianos em Argentina, vai ainda mais longe ao declarar que, ao lado do *deslocamento* social do migrante, se acrescenta também o *deslocamento* étnico: *Por isso, quem sabe, o emigrante mais marginalizado seja o índio americano. Tem continente, mas não tem pátria; tem um rosto próprio, mas não tem identidade pessoal conhecida e estimada* (p. 66).

Sendo estranho no seu estilo de vida, vivendo vários níveis de deslocamento em seu cotidiano, o migrante vive em uma *provisoriedade permanente*, nos espaços marginais e segregados da sociedade. Vindo de outros lugares, para suprir uma demanda de trabalho na sociedade e economia que o recebe, o estranhamento de seus costumes, suas crenças, sua língua, sua religião e seu modo de vida são vistos como um incômodo pelos *nacionais*. Na verdade, a presença do migrante se constitui num verdadeiro sinal de contradição para a sociedade que o acolhe: lembra a todos que seu bem estar se apoia no trabalho mal pago a trabalhadores estrangeiros; denuncia que o Estado Nacional é uma construção contingente, que garante o direito de seus cidadãos à custa da exclusão dos trabalhadores *não nacionais* inseridos em sua economia.<sup>3</sup> Em outros termos, existe uma relação dialética, na medida em que a sociedade capitalista, mesmo em tempos de globalização, para constituir-se a si própria, necessita desenraizar e deslocar os migrantes de outros lugares, a fim de produzir a força-de-trabalho necessária para a sua existência. Força-de-trabalho migrante

<sup>3</sup> Para um aprofundamento sobre o tema da condição social do migrante, como sinal de contradição, e em seu significado político, remetemos à reflexão feita por A. Sayad. Cf. SAYAD, 2000, pp. 30-32; e também SAYAD, 1991, pp. 289-311.

que, deslocada e marginalizada, tão necessária em tempos de prosperidade, é com muita facilidade rechaçada e criminalizada em tempos de crise econômica. Rechaço que na Argentina da época do padre Rubin era também uma maneira de negar sua própria verdade: *Latino América é muito latina, e pouco américa; o primeiro termo quer apagar o segundo* (p. 66).

Assim, a sociedade do capital e os migrantes se constituem e se opõem mútua e simultaneamente, um necessitando do outro para poder existir. Por isso, o migrante, sem que ele mesmo atine para isso, por sua própria presença, possui um significado político. Ele torna visível uma contradição latente da sociedade nacional, ao indicar algo como uma forma secular de *heresia* frente ao *dogma* da cidadania apoiada na nacionalidade, que encontra no Estado Nacional o seu baluarte. A estabilidade das instituições nacionais, de sua ordem política e seu quadro de normatividade, que dá caráter de normalidade ao cotidiano, se vê confrontada com a instabilidade e transitoriedade da vida dos migrantes, com o inusitado de sua condição de vida, que irrompe no interior da sociedade nacional com suas demandas sociais e culturais. O incômodo com sua presença também é sentido pelas instituições da Igreja Católica, que também procuram enquadrar as demandas sociais, culturais e religiosas dos migrantes.

O padre Rubin em seu caminho de reflexão, não se obriga a considerar em demasiado a condição do migrante na sociedade capitalista, mas parte dessa realidade para tratar dos pontos que mais lhe interessam, questionando o modo como a Igreja reage:

Nos documentos oficiais da Santa Sé (*Exsul Familia, Pastoralis Migratorum Cura*, Igreja e Mobilidade Humana) se vê sempre o esforço de uma contínua atualização; dão a impressão de nascer já velhos. Por quê? Porque cada estrutura tem necessidade de certa estabilidade, as migrações são, por natureza, móveis, nascem em momentos imprevistos, vão por canais não fabricados. O migrante rompe os esquemas, é fruto de uma malformação inerente à estrutura humana a serviço dos capitais, da economia; por isso as estruturas pastorais antes de ser para os migrantes, devem ser migrantes, móveis (p. 68).

O migrante, essa *malformação* produzida pela própria sociedade capitalista, é por sua condição social (que aparece como uma segunda *natureza*) um ser instável, e por isso reage à sua condição de marginalidade procurando seus próprios caminhos, por canais *imprevistos, não fabricados*. Assim, ele se revela um sinal de contradição também para a Igreja, que também está assentada na estabilidade, dentro dos quadros da nacionalidade, em territórios bem definidos, e seus próprios códigos de normatividade. Por isso, quando o apelo da ca-

ridade pastoral pelos migrantes chega, no afã de acompanhar um fenômeno em constante mudança, sempre chega atrasada. As estruturas pastorais da Igreja se mostram inadequadas, em descompasso com a condição social dos migrantes.

A missão junto aos migrantes, para entrar em diálogo com suas demandas, deve compartilhar com eles as mesmas condições de vida, e ser migrante junto com eles. Ora, dialeticamente, entre a estabilidade dos referenciais de sua eclesialidade, e a condição móvel, marginal e deslocada dos migrantes, a pastoral também deve se fazer móvel, se colocar na brecha que caracteriza a condição dos migrantes. Assim, também a pastoral dos migrantes deve se tornar, dessa maneira, sinal de contradição. No exercício das mediações entre a Igreja e os migrantes, a pastoral (e seus agentes) se posiciona nesse *entre dois*, que é vivenciado cotidianamente pelos migrantes. Pe. Rubin intuiu isso muito bem quando escreve: *Por sua natureza o apostolado entre os migrantes é dialético: tem em si mesmo a tese e a antítese. Precisa buscar a síntese. No trabalho com os migrantes os extremos se tocam* (p. 66).

### **b) A centralidade do pastor.**

Enfatizamos desde o início a grande preocupação do padre Rubin pela espiritualidade vivida pelos missionários enviados aos migrantes. Uma espiritualidade que ele mesmo procurou encarnar em seu dia-a-dia, em suas peregrinações, na presença missionária junto aos migrantes. Em nome dela buscava relativizar todas as estruturas pastorais e formativas da Igreja:

É preciso compartilhar a aventura de caminhar no deserto. As estruturas, os programas são preguiçosos por natureza, feitos em escritórios, escritos em livros, discutidos em reuniões, sessões, congressos. Fala-se frequentemente dos migrantes e pouco com os migrantes (p. 67).

A instância crítica às estruturas eclesiais, o que pode relativizá-las, é a própria missionariedade, vivida concretamente. O que dá autoridade à palavra da Pastoral dos Migrantes, é a escuta e a interação com os próprios migrantes. Assumir essa orientação é optar pelo indefinido, pela instabilidade, pela provisoriamente própria do mundo dos migrantes, um grande desconhecido para a própria pastoral. Trata-se realmente de uma *aventura no deserto*. A partir dessa vivência é que o padre Rubin continua se estendendo em sua crítica às formas como se organizam a Pastoral do Migrante, aprofundando o sentido da *dialética* na pastoral:

A estrutura da pastoral se baseia no grupo étnico, que cria comunidades fechadas, gueto, um espírito racista, em rechaço a outros grupos. O favorecer o uso da *língua própria e seus próprios costumes* deveriam ser uma sinfonia pentecostal, porém frequentemente se reduz a

uma torre de Babel. A paróquia territorial e também a ‘missão com cura de almas’ alimenta em si mesma a contradição: são estruturas feitas para residentes. Não se pode fazer um automóvel para estar parado, ou uma poltrona para correr. Como superar esta dialética de tese e antítese? Como fazer para unir os dois extremos? (p. 67)

Repassando as limitações das estruturas normalmente reconhecidas para o trabalho pastoral com migrantes (paróquia pessoal e comunidade com cura de almas),<sup>4</sup> o padre Rubin mostra como elas tendem para a estabilidade, favorecendo a sedentarização dos migrantes, e contraditoriamente alimentam o que existe de pior entre eles, e contra eles: o gueto, os grupos fechados, os preconceitos, a xenofobia contra os outros migrantes (e mesmo os nativos do lugar). Como sair dessa armadilha e fazer com que os migrantes se vejam como Igreja em sua vivência de fé, e a Igreja se reconheça no modo de viver a fé dos migrantes? Qual o caminho para a síntese dessa dialética inerente ao cuidado pastoral dos migrantes?

O padre Rubin não tem dúvidas, tudo passa pelo coração do pastor:

O manual de pastoral mais simples é o discurso do Bom Pastor. O pastor dá a vida por suas ovelhas. No deserto de Judá a ovelha sem pastor morre, porque não sabe onde buscar alimento e água. O pastor sem a ovelha morre porque não tem nada mais para comer. Assim deve ser para as ovelhas migrantes. Sem o amor do sacerdote morrem. O migrante busca trabalhar como operário, porém busca amar como homem. O missionário que dá coisas e não coração morre como missionário; as coisas, as estruturas devem fazer chegar a força do coração. A organização do trabalho pastoral entre os migrantes deve ter em conta a formação e a debilidade do missionário (p. 70).

Podemos dizer que, por meio de seu testemunho de vida, o missionário inserido no meio dos migrantes, que se impregna do *cheiro das ovelhas* (Papa Francisco), é aquele que no encontro com eles pode fazer emergir um verdadeiro *lugar teológico*.<sup>5</sup> É o missionário que, por meio de sua interação, pode ajudar a reconciliar aquilo que é contraditório, e parece irremediavelmente deslocado, entre a Igreja e os migrantes. Torna-se então agente de mediação, pelo exercício do diálogo e da reconciliação, traduzindo linguagens, rotinas, procedimentos e costumes distintos. Facilitando que o “novo” possa ser suscitado nessa interação. Enfim, ele se encontra num *lugar seminal*, e por isso

<sup>4</sup> Para uma explicação quanto ao reconhecimento canônico dessas estruturas de pastoral, ver DE PAOLIS, V., 1989; 2001.

<sup>5</sup> Os elementos da reflexão aqui desenvolvidos sobre o significado teológico da pastoral dos migrantes, e do missionário como agente de mediações, estão mais trabalhados em DORNELAS & NASSER, 2008, pp. 235ss.



pode ensinar a criação da *síntese*, para a qual o padre Rubin aponta. Tudo isso, evidente, à condição de que o missionário esteja disposto a suportar as vicissitudes do lugar social em que se encontra: *Os migrantes são uma contrariedade como pessoas para a sociedade civil. Os missionários são uma contrariedade para a sociedade eclesial: rompem os esquemas territoriais, jurídicos* (p. 70).

Assim, no centro de toda pastoral está a pessoa do missionário, em particular o sacerdote, como gostava de frisar o padre. Rubin. Não perdia de vista que o evangelizador não é em primeiro lugar um assistente social, ou um mediador cultural, ou um assessor político ou comunitário. O evangelizador é o portador de uma mensagem, a do Evangelho, e é em vista dela que existe a missão da Igreja. Se o manual mais simples do missionário é o trecho do Bom Pastor no evangelho de João, o padre Rubin menciona outro manual importante, em vista da missionariedade da Pastoral dos Migrantes:

Quem sabe o melhor manual de pastoral migratória seja a *Evangelii Nutiandi*, porque, como o missionário entre os pagãos, o missionário dos migrantes não está a serviço dos migrantes, senão da mensagem (...). Isto é, o problema principal da pastoral dos migrantes não são os migrantes, nem a pastoral, mas o pastor (p. 68).

Em outros termos, no exercício da mediação pelo missionário entre os migrantes está em jogo a própria missão da Igreja, sua razão de existir. Nesse ponto, pensando na renovação da toda Igreja, a partir da atualidade de sua missão junto aos migrantes, é que o padre Rubin procura vislumbrar um horizonte mais amplo: o da catolicidade da Igreja.

### c) O horizonte da catolicidade.

Tendo sempre presente o lugar do missionário no interior das estruturas de pastoral da Igreja, Pe. Rubin não perde de vista que a pastoral do migrante, assim como o seu agente de pastoral, se insere na tarefa evangelizadora de toda Igreja. Por isso, não se trata de apenas atender as demandas dos migrantes, mas de caminhar juntos como Igreja católica:

O maior perigo da estrutura pastoral em todos os campos é o gueto, o fechar-se no próprio grupo paroquial, étnico, religioso. Arriscamos ser como o sacerdote da parábola: não se deteve na estrada de Jericó, porque o ferido não era de sua paróquia, da comunidade étnica, de sua nação (...). O problema não é passar de um grupo paroquial a um grupo étnico, mas sim passar de um grupo humano à humanidade total. A coisa mais difícil não é ser Igreja, mas ser Igreja Católica, universal (p. 69).

O exercício de mediação a que o missionário no meio dos migrantes é chamado a realizar tem sentido na medida em que se abre para a catolicidade da Igreja. Sendo sinal de contradição, a partir de sua inserção entre os migrantes, ele testemunha profeticamente o sentido mais genuíno do ser Igreja no mundo atual. Um sentido que tem se revelado ainda mais pertinente na era da globalização, em que todos nós estamos pressionados pelo encurtamento da distância dos referenciais de tempo e espaço, pela conexão imediata em tempo real, pela facilidade dos deslocamentos, enfim, pela polarização entre o local e o global. Os migrantes também aqui são um sinal de contradição, como um apelo vivo a romper as barreiras e se abrir para a universalidade:

O migrante é uma provocação à universalidade. Quem caminha rompe as fronteiras estabelecidas, deixa de um lado muitas coisas particulares e deseja se sentir em casa em cada região, porque a terra é pátria de todos (p. 67).

Assim, também o missionário entre os migrantes trabalha para reafirmar em novas modalidades a catolicidade da Igreja. Em cada comunidade ou grupo migrante, que vive de maneira genuína sua fé, em sua condição social, toda a Igreja pode se reconhecer como tal. Da mesma maneira como cada grupo ou comunidade migrante pode assim se sentir acolhido nessa grande família de igrejas como *comunidade de comunidades*. A multiplicidade e a unidade se encontram, e a diversidade do ser Igreja numa sociedade multicultural concede a cada grupo migrante direito de cidadania eclesial. O local e o global interagem, na medida em que todos contribuem para a comunhão da Igreja, pois em cada grupo local que reza, celebra e pratica sua fé, está presente toda a Igreja Católica. (DORNELAS & NASSER, 2008, p. 275) Na interação entre o missionário e os migrantes existe a possibilidade de uma abertura que conduz à irmandade universal:

Por isso a intervenção pastoral deve ser da pessoa do pastor à pessoa da ovelha, porque a fé é um grande compromisso pessoal. A fé por sua natureza é universal: a religião e o culto, a tradição e a ação tendem ao gueto, se não se queimam no fogo da fé. Por isso São Paulo, o grande missionário, é o teólogo da fé (p. 69).

Nesse sentido é que o padre. Rubin concede um significado único à eucaristia, e, por conseguinte, ao exercício do sacerdócio, na atuação missionária junto aos migrantes. A catolicidade da Igreja, que reúne cada comunidade local na comunhão da mesma Igreja, de tal maneira que cada uma traz em si a presença

do mesmo Cristo, encontra na eucaristia o seu horizonte utópico. Ela espelha a fraternidade que se deseja realizar entre todos os filhos e filhas de Deus, não importa suas diferenças, sua condição de vida. Reunidos em torno da mesa da eucaristia, somos todos peregrinos na instabilidade desse mundo. Os migrantes, quando acolhidos, individualmente e em grupo são um sinal de contradição também nesse sentido: são apelo à comunhão, a que cada migrante se sinta em casa em cada comunidade cristã em que se encontre. É este o sonho que o padre Rubin espera encontrar na celebração eucarística:

A eucaristia é o sacrifício de toda a humanidade, feita em família de Deus. Então, em nossas atividades, deveríamos preparar encontros de oração, reflexões bíblicas, meditações, adoração para os diversos grupos étnicos, locais, geracionais (jovens, estudantes, anciãos, operários, migrantes), porém devemos reservar a celebração universal da missa para todas as pessoas (p. 69).

Por fim, o padre Rubin, a partir do seu contato cotidiano com a fé dos migrantes, nesse horizonte da catolicidade, expõe sua convicção de que os migrantes não são apenas entes passivos, que apenas recebem. Eles têm também uma contribuição ativa, um protagonismo todo especial na missão da Igreja. Relembrando as origens do cristianismo, e como a evangelização dos primeiros séculos se fez por meio dos migrantes, pessoas simples que ganhavam sua vida nas rotas comerciais orientais,<sup>6</sup> o padre Rubin afirmava que eles são *os primeiros missionários do Evangelho* (p. 70-71). Os migrantes missionários, ainda hoje, estão ajudando a difundir o Evangelho nas fronteiras da missão, além de revitalizar a Igreja nos velhos continentes e em grandes cidades. O horizonte da missão, da *missão de Deus* (AG 1-2), no mundo globalizado passa também pelo testemunho cotidiano dos próprios migrantes.

### **3. Iniciar processos: a herança do padre Tarcísio Rubin.**

O padre Tarcísio Rubin não deixou muitos seguidores, ou pessoas que seguissem seu estilo muito particular de ser missionário, ou de praticar sua vida espiritual. Apreciado por todos os que o conheceram, direta ou indiretamente, ele ainda é um grande sinal de contradição para a pastoral do migrante, e mesmo para toda a Igreja. A sua memória vem sendo recuperada na medida em

<sup>6</sup> Para um estudo desse fato remetemos aos capítulos iniciais de BEVANS & SCHROEDER, 2010; e BOSCH, 2002.

que se desenrola um processo de beatificação, a partir da Diocese na qual se encontra o povoado em que faleceu, na província de Jujuy. Porém, se captamos um pouco do valor do seu testemunho, seus questionamentos permanecem vivos ainda hoje, e nos devem fazer repensar, de um lado, a prioridade da pessoa do missionário no meio dos migrantes (ou dos agentes de pastoral, padres, religiosos e leigos), e de outro, as contingências em que se encontra a Igreja e suas estruturas de pastoral.

Assim, há que reconhecer que a proximidade com os migrantes, vivenciar com eles os paradoxos de sua condição, na sociedade e diante de suas instituições, incluindo a Igreja, permanece sendo um grande desafio. Nas palavras do Papa Francisco, eles se encontram em locais que são verdadeiras *periferias existenciais*, em que a Igreja é chamada a exercer sua missão. E, na verdade, não existe missão sem missionário, e não pode haver comunicação do Evangelho e seu testemunho sem essa presença viva. Somos alertados pelo padre Rubin que só uma espiritualidade forte, alicerçada no encontro diário com o Cristo e o Evangelho podem garantir a perseverança nessa missão. Esse é um chamado claro a valorizar a formação do missionário no exercício da missão, ao lado de sua vida de comunidade e de oração.

É nesse sentido que podemos dizer que os pensamentos que ele nos deixou são como *sementes*, intuições fecundas. Elas, iluminadas pela Palavra de Deus, assim como por uma prática pastoral e uma espiritualidade peregrina ao lado dos migrantes, podem germinar, e *iniciar processos* de transformação. Assim, constatamos sua atualidade ao perceber como elas podem entreter um diálogo profícuo com o apelo do Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (EG 22). Dessa forma, dizer que os pensamentos do padre Rubin podem *iniciar processos* é acreditar que o mais importante está nas possibilidades de um processo de renovação. Encontrá-las e coloca-las em marcha é uma atitude de fé. Embora o Papa não se sirva dessa palavra, é nessa atitude de fé que podemos assumir a *dialética* que constituem as relações sociais, à qual o padre Rubin se refere, em que as contradições podem ajudar a trazer à luz a novidade que dá sentido a todo o caminho percorrido. Como o Papa bem deixa a entender, numa perspectiva de fé, essa novidade não é programável. Mas, é justamente no meio do caminho que ela pode se dar a conhecer, na medida em que a Igreja mostra seu rosto missionário no meio dos migrantes, nessa era da globalização.

Algo que o padre Rubin não diz expressamente, a exemplo de seu amor pelos migrantes ou seu apreço pelos sacerdotes, mas que podemos inferir, é que ele sempre cultivou um grande amor pela Igreja. Nesse sentido, ser *signal de contradição*, assinalar para a *dialética* da condição do migrante e da própria pastoral,

são manifestações desse amor paradoxal, inconformista, que sonha com uma fidelidade mais autêntica da Igreja para com o evangelho de Jesus Cristo, e a sua vocação missionária. Talvez por isso ele tenha remarcado atrás das folhas que nos trouxeram esses pensamentos: *para ajudar a pegar no sono*. Para ajudar a sonhar, é preciso depositar essas sementes, essas intuições, na profundidade de nossa consciência, e permitir que no Espírito possamos concretamente *iniciar processos* de transformação evangélica.

### Referências bibliográficas:

- BAGGIO, L. *Misionero Migrante: P. Tarcísio Rubin CS*. Buenos Aires: CEMLA, 2014.
- BEVANS, S. e SCHROEDER, R. *Teologia de la Missioni Oggi, Constanti nel contesto*. Roma: Queriniana, 2010.
- BOSCH, D. *Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1991.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Ad Gentes: sobre la actividad misionera de la Iglesia* [AG]. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651207\\_ad-gentes\\_sp.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_sp.html). Acesso em: 16/07/2018.
- DE PAOLIS, V. La pastorale dei migranti nelle direttive della Chiesa. In *People on the move*, n. 54, Vaticano: Pontifical Council for the Pastoral Care of Migrants and Itinerant People, [jun] 1989, p. 33-114.
- DE PAOLIS, V. La pastorale dei migranti e le sue strutture secondo i documenti della Chiesa. In *People on the move*, n.87, Vatican: Pontifical Council for the Pastoral Care of Migrants and Itinerant People, [dez]2001, p. 133-170.
- DORNELAS, S.M. e NASSER, A.C.A. *Pastoral do Migrante: relações e mediações*. São Paulo: Loyola/CEM, 2008;
- PAPA FRANCISCO, *Aos Bispos Responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) - Por ocasião da reunião geral de coordenação, Discurso do Santo Padre. Visita apostólica por ocasião da XXIII JMJ*. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco\\_20130728\\_gmg-celam-rio.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html). Acesso em: 26/06/2018.
- PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* [EG]. Disponível em: [https://m.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium\\_po.pdf](https://m.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.pdf), Acesso em: 26/06/2018.
- SAYAD, A. *L'immigration ou les paradoxes de l'altérité*. Bruxelles De Boeck-Wesmael, 1991. [trad. Brasileira: A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo, EDUSP, 1998];
- SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. In: *Revista Travessia – Revista do Migrante*, número especial, São Paulo: CEM, jan/2000.